

CANOA ANCORADA

ANCHORED CANOE

Ken Nishikido (UFAM)¹
Cacio José Ferreira (UFAM)²

RESUMO: Este artigo trata da escrita do haikai no Amazonas que resultou de uma pesquisa histórica, bibliográfica e analítica sobre determinados poetas amazonenses e alguns imigrantes japoneses no Estado que criam de acordo com essa forma poética. Consiste de parte da dissertação de mestrado intitulada “Encontros: haicais e haicaístas no Amazonas”, defendida pelo PPGL-UFAM em 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Haikai no Amazonas; Poesia tradicional japonesa; Literatura Japonesa.

ABSTRACT: This article deals with the writing of haiku in Amazonas, which resulted from historical, bibliographical and analytical research on certain Amazonian poets and some Japanese immigrants in the State who create according to this poetic form. It consists of part of the master's thesis entitled “Encounters: haiku and haikuists in Amazonas”, defended by PPGL-UFAM in 2023.

KEYWORDS: Haiku in Amazonas; Traditional Japanese poetry; Japanese Literature.

INTRODUÇÃO

Diversos poetas de variadas regiões brasileiras se encantaram e produziram o haikai. No Amazonas também não foi diferente. Além da forte influência da imigração japonesa na região norte, há singular admiração dos amazonenses pela cultura japonesa que, por sua vez, transformam-na em escritura poética.

No que se refere ao haikai, também há produções amazonenses tanto em língua portuguesa quanto em língua japonesa. São as produções realizadas pelo Grêmio Sumaúma de Haikai (criado em 2000), Clube da Madrugada (criado em 1954), Grupo de Haikai da Universidade Federal do Amazonas (criado em 2020) - que são produções de haikai em língua portuguesa, e pelo *Manaus Kukai* (Grêmio Haikai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental - NIPPAKU (criado em 1984).

¹ Mestre em Letras – Estudos Literários (UFAM). Professor Substituto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM).

² Doutor em Literatura (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do grupo de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM). Membro dos grupos de pesquisa Estudos Asiáticos (UnB) e Estudos Osmanianos: Arquivo, Obra, Campo Literário (UnB).

Os haicais produzidos pelos membros de *Manaus Kukai* (Grêmio Haicai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, em língua japonesa, seguem rigorosamente os critérios japoneses, tais como o uso obrigatório de *kigô* e também a aplicação de *kireji*, embora este último não seja obrigatório. Assim o haicai permanece vivo nas mãos de poetas ativos que continuam a peregrinação poética iniciada por Luiz Bacellar, Aníbal Beça, Roberto Evangelista, Anísio Melo, Ernesto Penafort, Jorge Tufic, João Félix, Rosa Clement, Zemaria Pinto, Cacio Ferreira, pelos imigrantes e descendentes japoneses radicados no Amazonas. No entanto, ainda não houve uma integração entre o haicai escrito em língua japonesa e o poemeto escrito em língua portuguesa em solo amazonense.

Portanto, houve e há uma vasta produção de haicai no Amazonas. Falta apenas um entrelaçamento entre as produções em japonês e em português. A integração maior fará do Amazonas um polo ainda maior de destaque da poesia japonesa haicaísta no cenário nacional. Acredita-se, em um futuro breve, que, principalmente pelo considerável interesse pela língua e cultura japonesas por parte dos brasileiros, constatados e comprovados pelo elevado número de inscritos no Curso de Língua Japonesa da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, estudantes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Bilíngue de Tempo Integral Djalma da Cunha Batista (em Manaus), discentes do Ensino Médio da Escola Estadual Bilíngue de Tempo Integral Jacimar da Silva Gama (em Manaus), novos poetas surgirão e manterão a tradição da poesia japonesa no Amazonas.

O HAICAI APORTA-SE NO AMAZONAS

O início do haicai no Amazonas ocorreu, assim como aconteceu no Brasil, por duas vertentes: por meio da imigração japonesa com a chegada dos imigrantes da empresa *Amazon Kogyo Kabushiki Gaisha* (a primeira leva da imigração japonesa foi em 1929, em Maués/AM, que vieram para cultivo de guaraná), e de *Koutakuse* (os imigrantes que chegaram em Parintins/AM, em 1931, que conseguiram a façanha da aclimação da juta indianaque, por sua vez, sustentou em parte a economia do estado na época), e através de haicaístas brasileiros consagrados, tais como Afrânio Peixoto e Guilherme de Almeida, que influenciaram os poetas amazonenses. Ainda, a tradução de *Senda de Oku* pode ser um ponto de despertar para o haicai em solo amazonense. Como exemplo, na atualidade, o poeta Zemaria Pinto mantém contato frequente com membros do Grêmio Ipê de haicai Edson Kenji Iura, tendo o escritor Edson Kenji Iura feito a apresentação da obra *Dabacuri*, do Zemaria Pinto. Publicada em 2004.

A natureza amazonense se destaca em temáticas e fenômenos típicos, que excita a inspiração do poeta, haja vista os haicais produzidos pelos haicaístas imigrantes japoneses no Amazonas conquistaram prêmios internacionais. Tem-se, como exemplo, o haicai da poetisa Hattori Tane, a seguir:

*Amazon ni
kyuju nisai
no hatsu
kagami
(TANE,
online)*

No Amazonas
Imagem do Ano
Novo
dos noventa e dois anos
(Tradução de Ken Nishikido)

O haicai mencionado, da poetisa Hattori Tane, imigrante que chegou ao Brasil em 1954 e que sobreviveu às dificuldades, climáticas, linguísticas, alimentares, doenças tropicais, sobretudo, a dificuldade financeira. Porém, ao completar 92 anos, cercados de filhos e netos, e contemplando a sua imagem no espelho, apesar de tudo que vivenciou, agradece a Deus pelo momento de rara felicidade.

Yamaguchi Toshiko, no haicai a seguir, não contempla o panorama Amazônico, porém compartilha a tristeza de uma imigrante que juntos partiram do Japão com destino ao Amazonas, mas alguns não conseguiram chegar à terra prometida. A poetisa, em 2004, foi laureada com a premiação da NHK (Emissora de TV do Japão). Escreveu o melhor haicai fora do Japão:

*Hoshi
zukiyo umi
ni houmuru
iminsen
(TOSHIKO, online)*

A nau imigrante
no luar de céu
estreladofaz o
sepultamento
(Tradução de Ken Nishikido)

Dessa forma, os haicais de Hattori Tane e Yamaguchi Toshiko enfatizam a confluência de imagens entre o Japão e o Brasil, no contexto de imigração, tendo como destaque a viagem e a terra amazônica.

Nesse cenário favorável à criação poética, diversos nomes se destacaram ao longo da segunda metade do século XX e no século XXI. Nesse sentido, apresenta-se minuciosa pesquisa bibliográfica referente ao haikai no Amazonas, cujo resultado obtido pode ser diferenciado em dois aspectos: obras que enfocam puramente o haikai e outro que apresenta os haicais dentro de estilo poético.

Nesse caminho, o despertar em relação à produção haicaísta no Amazonas (apesar de ter sido criado, em 1942, mas não publicado anteriormente por Samuel Benchimol, na obra *Verso dos Verdes Anos*, e por Ernesto Penafort, em 1973, no livro *Azul Geral*) pode se dizer que aconteceu com o lançamento do livro *O crisântemo de cem pétalas*, de Luiz Bacellar em parceria com Roberto Evangelista. É a única obra de haikai no Amazonas, até então, traduzida para a língua japonesa, na ocasião do *XI Congresso Internacional de Estudos japoneses no Brasil/XXIV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*, realizada pela Universidade Federal do Amazonas, em 21 a 23 de setembro de 2016. Uma das congressistas, a Professora Dra. Rei Kufukihara, adquiriu a cópia da obra, com devido consentimento dos familiares dos autores (Luiz Bacellar e Roberto Evangelista), e efetuou a tradução para a língua japonesa e para a língua inglesa, em 2018, por meio do artigo *Burajiru - Amazon ni okeru haiku to haikai, soshite haikaishū "Hyakumai no hanabira no kiku" ni tsuite - hon'yaku; mohō; orijinarichii*.

Portanto os haicais produzidos no Amazonas, se entrelaçam pela intensidade da paisagem e caminham para outras regiões do Brasil e do mundo. Nesse sentido, é importante reforçar a pesquisa sobre haikai no Amazonas, pois até aqui o poemeto amazonense segue o caminho delineado por Matsuo Bashō e Masaoka Shiki, imprimindo o olhar do Nikkei brasileiro no cantar das imagens amazônicas, conforme se pode observar nos textos dos poetas abaixo comentados.

.LUIZ BACELLAR

Luiz Franco de Sá Bacellar (1928-2012), sendo bolsista no INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia), fez o curso de Aperfeiçoamento Social na área de Antropologia, sob a orientação do Professor Darcy Ribeiro. Com o lançamento do livro *Frauta de Barro*, em 1959,

foi laureado com o Prêmio Olavo Bilac. Em 1985, em parceria com Roberto Evangelista, lançou o livro de haikai (em caixa de madeira) *O crisântemo de cem pétalas*. Em 1999, o novo livro de haiku, *Satori*, vem à baila. Na sequência, em 2004, utilizando o pseudônimo de Kazüo Satsumà, publicou o livro *Borboleta de fogo*. Segundo Ferreira,

Assim como a poesia de *Satori*, os poemetos de *Borboletas de fogo* são haicais, mas com certas restrições. Também não é *tanka*, poema que antecede o haicai e não usa a metrificação tradicional 5, 7 e 5 sílabas. A naturezaorna o travesseiro do haicai tradicional. As virtudes e pecados humanos são dispostos em uma poesia que está próxima do haicai em relação à estrutura. Nesse sentido, a poesia de Kazüo Satsumà pode ser classificada como *senryü*. (FERREIRA, 2021, p. 56).

Nessa perspectiva, o poeta Bacellar segue a tradição haicaísta na obra *Satori*. Constrói profundos vínculos com a essência da gênese do haicai, sobretudo, seguindo a tessitura filosófica desta arte poética japonesa, logicamente adaptando-a às condições singulares e às situações tipicamente amazônicas, como constatado nos haicais a seguir:

Na laranja e na couve
picada – as cores
brasileirasda feijoada
(BACELLAR, 2002, p.
56)

Cobra-grande – o
rio desliza ao
crepúsculo:
mil escama de ouro
(BACELLAR, 2002, p. 58)

Referindo-se sobre os haicais acima mencionados compostos pelo Bacellar, Renan Freitas Pinto destaca que:

Sua identificação e sua familiaridade com o universo dessa tradição poética explicam a agilidade, o humor e a precisão com que escreveu todos esses pequenos tesouros que são esses *haiku*, e porque sua obra se tornou não apenasum marco precursor, mas a demonstração das possibilidades de combinação entre os temas e técnicas tradicionais e os experimentos com os temas brasileiros e amazônicos. (BACELLAR, 2002, p. 134).

Bacellar, portanto, aproxima-se de Matsuo Bashô ao dar ao haicai amazonense elementos que se aliam ao Zen Budismo. Contudo, destaca a força do homem e da paisagem amazônicas como vozes que circulam o poemeto.

ANÍBAL BEÇA

Aníbal Augusto Ferro de Madureira Beça Neto (1946-2009), em 1966, publicou seu primeiro livro de poemas *Convite Frugal*. Participou da produção e divulgação do haicai por influência de Luiz Bacellar. É autor da obra poética *Filhos da Várzea* (1984), que contém, alguns haicais e *Folhas da Selva* (2006), obra dedicada somente ao haicai. Segundo Rosa Clement, “em seu livro *Filhos da várzea*, de 1984, há haicais à maneira Guilherme de Almeida” (CLEMENT, 2019, p. 72).

Flauta na floresta
o vento sopra nos
furosdo bambu
brocado
(BEÇA, 2006, p. 63)

O haicai que destaca a *flauta na floresta*, segundo o haicaísta Zemaria Pinto, no prefácio do livro *Folhas da Selva*, “O vento e a floresta representam a condição geral, espacial do poema, o sempre. A música provocada nos furos do bambu – a flauta – é o efêmero, a experiência única, o agora que não se repetirá jamais” (BEÇA, 2006, p. 14).

Olhos marejados
saudade se
misturandoaos
pingos da chuva
(BEÇA, 2006, p. 65)

O haicaísta Zemaria Pinto, também no prefácio do livro *Folhas da Selva*, analisando a produção de Aníbal Beça, pontua:

Se o humor não transparece, fica a leveza, o espírito do poeta ao vivenciar aquela cena sob a chuva, o elemento espacial. A abstração de que é a saudade que provoca aquela imagem única é, na verdade, uma quebra do distanciamento, mas, ao mesmo tempo, é um exercício de auto-ironia. (BEÇA, 2006, p. 15).

É possível inferir, portanto, que o poeta Aníbal Beça conseguia vislumbrar a imagem amazônica, considerada rústica, com leveza e experiência única. Da paisagem, jorra o espelhamento de um mundo idílico, mas contemplado por todos os humanos.

ROBERTO EVANGELISTA

Roberto Evangelista (1946-2019) nasceu em Cruzeiro do Sul/Acre, mas com 6 meses aportou-se no Amazonas. Atuou como artista plástica e também como haicaísta no estilo

deixado por Luiz Bacellar e Aníbal Beça. Em 1985, lançou com Bacellar *O Crisântemo de cem pétalas*, que exala uma exuberância poética desmedida, abarcando as paisagens amazonenses. Também publicou livro de haicai *Mínimas orações* (2012) e *Sementes germinadas* (2019), livro escrito em vida, mas lançado após a sua morte, em parceria com Márcio Catunda (escritor, poeta e diplomata brasileiro nascido em Fortaleza/Ceará).

Dada a segunda
demão de azul, o
solconclui a
pintura
(EVANGELISTA, 2019, p. 20)

Evangelista, no haicai mencionado, utilizando-se da habilidade de artista plástico, no tece para o haicai a habilidade de “pintar com as palavras”, entrelaçando a pintura, palavra e paisagem amazônica. A tinta se espraia na imagem condensada e a caneta faz a junção de signos, constituindo-se como haicai.

Em pasto
d’água
canaranas
murerus
o peixe-boi rumina
(EVANGELISTA, 2012, p. 31)

O haicai evangelistiano, destacado acima, invoca o ciclo da vida harmônica da região amazônica, destacando pastagens que crescem graças à enchente, que por sua vez, alimentam o peixe-boi. Além disso, há no poemeto uma mistura de cores e sons. Tudo se transforma em uma paisagem una, translúcida, em que impera a vida.

JORGE TUFIC

Jorge Tufic (1930-2018) foi agraciado com o diploma *O poeta do ano*, em 1976, prêmio concedido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas, em reconhecimento à sua vasta e intensa atividade literária. Tem seu nome inserido em diversas antologias, por exemplo, *A Nova Poesia Brasileira*. Pertenceu à equipe do Clube da Madrugada. É autor da letra do *Hino do Amazonas*, contemplado em primeiro lugar em concurso nacional promovido pelo governador José Lindoso, em 1980. É autor do livro de haicai *Sinos de papel* (1998). O haicai a seguir pertence a obra mencionada.

Pitanga madura
no galho penso de
orvalhouma gota se
pendura.
(TUFIC, 1998, p. 7)

O poeta Tufic, com sua habilidade utiliza da forma estabelecida pelo Guilherme de Almeida, no que se refere à aplicação de rimas. Além disso, é possível perceber a comparação que o poeta faz da pitanga e da gota de orvalho, criando uma imagem que se assemelha a um espelho natural.

Só pétala e rã
Tonteia o ar que
semeia a nova
manhã.
(TUFIC, 1998, p. 4)

No haicai a seguir, também do poeta Tufic utiliza-se da forma estabelecida pelo Guilherme de Almeida, usando aplicação de rimas e atribuindo o título “As quatro estações” ao haicai. Nesse sentido, em determinado momento Tufic tende-se para rima e, outro, para o título, características guilhermeanos.

ANÍSIO MELLO

Anísio Thaumaturgo Soriano Mello (1927-2010) foi membro da Academia Amazonense de Letras. Artista polivalente, pois o poeta Luiz Bacellar, na apresentação do livro *Kaleidoscópio*, destaca que: “é o artista mais versátil que conheço: escultor, pintor, inventor, músico (compositor), poeta, arquiteto, heraldista, filatelista, numismata, empresário, jornalista, educador, folklorista, estudioso de língua tupi” (MELLO, 2002, p. 9). O haicai a seguir foi retirado da obra *Kaleidoscópio* (2002).

Saudade e lembrança
duas emoções que
unemna velha cidade
(MELLO, 2002, p.
34)

O autor do haicai mencionado, natural da cidade de Itacoatiara, cidade também conhecida como “Velha Serpa”, escreveu o poemeto invocando um sentimento misto de saudade do tempo em que viveu a juventude, instaurando na poesia que este momento do tempoé a melhor época da vida para qualquer pessoa.

Caindo do céu
como se fosse cristal
molha o chão: a chuva
(MELLO, 2002, p. 22)

Destacando as nuances da região amazônica, o poeta Anísio Mello descreve o universo amazônida imprimindo a imagem da estação chuvosa e de pouca chuva, os elementos tropicais em que o sol causticante, é atenuada pela chuva.

Em síntese, Anísio Mello canta a Amazônia assim como um arquiteto pensa a obra. A paisagem da Amazônia se encaixa perfeitamente nas palavras suavizadas dentro do poemeto. Suavizar não é dar uma ênfase menor, e sim compreender a melhor forma de captar os recursos estilísticos, sonoros, visuais e sensoriais no haicai.

JOÃO FELIX

João Félix Toledo Pires de Carvalho (1945) conhece com profundidade a Filosofia Oriental, especialmente o Taoísmo e Zen-Budismo, assim como Luiz Bacellar. O haicai indicam o caminho de expressão da sabedoria búdica: humildade e compaixão. É autor do livro de poesia e haicai *Urubunaínas: cantigas do Rio Urubu* (2016).

O vento ouvia
devaneios sazonais
leques de palmeira
(FELIX, 2016, p.
68)

Neste haicai, o poeta João Félix apresenta um panorama tipicamente amazônico, onde se faz de fenômenos naturais como personagem protagonista de forma metafórica. Assim como Anísio Mello suaviza as palavras, João Felix tece na poesia uma sonoridade que se aproxima dos cantos das ninfas.

Árvore ereta
floresta em
marcharígido
exército
(FELIX, 2016,
p. 69)

O poeta revela a imensa selva Amazônica no poemeto mencionado. O significado preterido é a biodiversidade preservada que é venerada pelo mundo. Faz alusão às árvores eretas das florestas como um exército que defende a preservação dessa biodiversidade.

Portanto, ao pensar o trabalho haicaísta de João Félix, é possível inferir que, talvez, devido ao Zen Budismo e ao Taoísmo imprime no poemeto uma certa dose literária de ecocrítica, ou seja, a natureza é invocada como imagem que necessita de preservação.

ZEMARIA PINTO

José Maria Pinto de Figueiredo (1957) é um profícuo escritor e crítico literário. Concluiu a Especialização em Literatura Brasileira, em 1989, atuando como professor de Literatura na Universidade Federal do Amazonas até 2001. É autor das obras haicaístas *Corpoenigma* (1994) e *Dabacuri* (2004). Os haicais a seguir pertencem a obra *Dabacuri*.

Caminho de terra -
o mato à margem
exala perfumes
silvestres
(PINTO, 2004, p.
13)

No haicai apresentado, o haicaísta Zemaria Pinto destaca a natureza amazônica como um perfume quase intocável, exibindo através da coloquialidade da região elementos que unem à terra e a mata como um encontro de entidades vivas. Caminho de terra representa a condição geral, ou seja, o “sempre”; e perfumes silvestres o “efêmero”.

As nuvens vermelhas,
o sol sumindo no rio
- silêncio noturno
(PINTO, 2004, p. 36)

Ao ler o haicai mencionado, de Zemaria Pinto, percebe-se no segundo verso “o sol sumindo no rio”. Nesse sentido é possível inferir que, para muitos que não forem do Amazonas poderia ser até estranho, porém as pessoas que conhecem o Amazonas sabem que é possível constatar a linha do horizonte no exuberante Rio Negro, cujo pôr do sol oferece um ocaso de beleza incomparável. Assim a condição geral poderia ser o pôr do sol, o “sempre”; e as nuvens vermelhas o “efêmero”.

Zemaria Pinto, portanto, consegue traçar por meio do poemeto uma geometria do homem, da natureza, da mata e do silêncio que impera entre cantos diversos que o verde exala.

HAICAÍSTAS IMIGRANTES JAPONESES NO AMAZONAS

Diversos nomes que se destacaram ao longo da história da imigração japonesa no Amazonas, antes mesmo da criação do Grêmio de Haiku, da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, em 1984. Há registro dos haicaístas imigrantes do Amazonas que participavam da oficina de haicai de São Paulo, via correspondência. No entanto, para questão de seleção e destaque neste artigo, são apresentados haicaístas que tenham publicado obras ou que tenha obtido destaque, conquistado alguma premiação em nível nacional ou internacional (no Japão). Nesse sentido, cinco nomes iniciarão como destaques: Yamaguchi Toshiko, Toguchi Hisako, Hattori Tane, Higashi Hiroyuki e Shirayanagi Toshio.

YAMAGUCHI TOSHIKO

Toshiko (1914-2005), da Província de Fukui do Japão, quando imigrou para o Amazonas, residiu na colônia de Andirá, em 1935. Na sequência, transfere-se para a Vila Amazônia, em Parintins/AM. Com a ocorrência de Segunda Guerra Mundial, em 1942, vai para Arari, no médio Amazonas, e trabalha na produção de juta e no comércio local. Em 1945, decide mudar para Caburi. Depois vai para Boca de Comprido, no município de Urucurituba passa a trabalhar no comércio e produção de juta novamente. Em 1983, fixa a sua nova residência em Manaus/AM e, em 1986, ingressa no Manaus Kukai (Grêmio de Haiku de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental.

*Saikô no
ajiwa
tukuman
yashi no shin
(TOSHIKO, 1992, p. 80)*

No palmito da
tucumã que se
encontrao melhor
sabor
(Tradução de Ken Nishikido)

Haicai acima mencionado destaca o palmito de tucumã como melhor sabor. Atitude típica de uma dona de casa na procura de alternativa culinária na tentativa de encontrar o produto similar do Japão para preparar um prato no Amazonas.

*Tucupi
no nioi
tadayou*

natsu
ryôri
(TOSHIKO, 1992, p. 133)

Prato tropical
aroma de
tucupi
em todo ambiente
(Tradução de Ken Nishikido)

Já o haikai acima, cita o aroma de tucupi, que tem um sabor singular típico da região tropical brasileira. Tal ação, demonstra que os imigrantes já se adaptaram ao paladar regional.

TOGUCHI HISAKO

Natural da Província de Miyazaki no Japão, Hisako (1934) imigrou para a colônia de Monte Alegre no Estado do Pará, em 12 de julho de 1954. Trabalhou na cooperativa da colônia até 1956. Vinculou-se no *Manaus Kukai* (Grêmio Haikai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental – NIPPAKU em 1986 até 2017. Antes, porém, já escrevia ohaikai desde período inicial da sua imigração.

Amazon
no shima
kieusetse
uiki
fukashi
(HISAKO, 2004, p. 44)

Na Amazônia
a ilha
desaparece
com a enchente
(Tradução de Ken Nishikido)

A poetisa Toguchi Hisako, como uma imigrante, contempla uma situação típica da região Amazônica, que é a mudança total de panorama em virtude da enchente. Tal ação, enfatiza talvez, já uma certa aclimação dos imigrantes em terras amazônicas.

HATTORI TANE

Tane (1928-2012) nasceu em Província de Kumamoto do Japão, imigrou-se em 1954 para Rondônia e, posteriormente, mudou-se para Manaus, participou do *Manaus Kukai* (Grêmio Haikai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental desde sua fundação,

em 1984. Antes, porém, a poetisa já escrevia haikai logo após a sua chegada no Brasil, participando do grupo de haikai de São Paulo, escrevendo nas colunas de haikai do Jornal Paulista. Foi uma das haicaístas imigrantes de maior destaque no Amazonas.

*Amazon no
mitsurin terasu
hatsu hi no de
(TANE, 2001,
p. 3)*

Raiar de alvorada
no Ano Novo da
Amazônia reflete a selva
(Tradução de Ken Nishikido)

A poetisa Tane, que também é imigrante, consegue desenhar em palavras um alvorecer do sol na selva Amazônica que reflete o seu raiar, decanta a sua beleza inigualável, exalando um espaço dimensional bem diferente do Japão.

HIGASHI HIROYUKI

Hiroyuki (1942-2021) nasceu em Província de Ishikawa no Japão. Em 1958, imigrou-se para Colônia Efigênio de Sales, no Amazonas, aos 16 anos, e, posteriormente, mudou-se para Manaus, participou do *Manaus Kukai* (Grêmio Haikai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental desde sua fundação, em 1984.

*Tsuki akari
tayorini taiga
wataru fune
(HIROYUKI, 2016, p. 17)*

Na claridade do
luar navegam os
barcos pelo rio-
mar
(Tradução de Ken Nishikido)

O haikai mencionado permite inferir que o poeta contempla um panorama comum na navegação nos rios da bacia Amazônica, onde os barcos se movimentam à noite somente com a claridade da lua, logicamente, contando com experiência e habilidade elevadas do

comandante, que pilota a embarcação, desviando do iminente perigo de chocar com troncos flutuantes e também dos bancos de areia.

SHIRAYANAGI TOSHIO

Toshio (1910-1994) nasceu em Província de Shizuoka no Japão, imigrou-se, em 1929, para o município de Maués na primeira leva de imigração japonesa no estado do Amazonas. Trabalhou na lavoura, no cultivo de juta e no comércio local. Posteriormente, mudou-se para Manaus e participou, em 1984, do *Manaus Kukai* (Grêmio Haikai de Manaus) da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental.

*Yukashita ni
wani kite
sawaguzôsui
ki
(TOSHIO, 1993, p. 32)*

Sob palafita
agitam os
jacarés
- época de cheia
(Tradução de Ken Nishikido)

O poemeto em destaque transformou-se em título do artigo da pesquisadora de haikai no Japão e do Amazonas (Dra. Rei Kufukihara – Reitora da Universidade de Nagoya) pela descrição inusitada e inimaginável para o cotidiano japonês. Porém, para o poeta, que viveu e conviveu como um dos pioneiros da imigração japonesa no Amazonas, esta situação delineada em palavras funciona apenas como um relato natural da vida Amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o período Edo (Século XVI), o haikai ganhou e tem um primoroso destaque na poesia japonesa. Devido a essa notoriedade e essência que o haikai produziu, difundiu-se pelo mundo, chegando ao Brasil no início do século XX. Ainda há um debate a respeito de quem trouxe o haikai para as terras brasileiras. Entretanto, o aspecto mais importante é o florescimento e permanência de sua produção até hoje em terras tupiniquins. Os imigrantes japoneses, que chegaram a partir de 1908, conheciam bem a poética do haikai e, produzido durante a viagem, no momento da chegada e na permanência em solo brasileiro, criando uma espécie fio condutor, sem fragmentos, do haikai tradicional ao haikai brasileiro. Devido à escrita peculiar, o acesso

do haikai aos brasileiros não foi imediato. A tradução de Afrânio Peixoto, a partir do francês, foi mais acessível e, dessa forma, permitiu conhecer com maior vigor a imagem carregada de sentido que o haikai expressa.

Portanto, as duas vertentes que possibilitaram a inserção do haikai no Brasil, embora de forma independente, tanto uma quanto a outra, deixaram um importante marco da cultura japonesa criação de novos horizontes para o desenvolvimento da cultura nipo-brasileira, no que se refere à literatura.

Outrossim, o que impulsiona a escolha do estilo haicaísta no Amazonas é a forma imagética, e ao mesmo tempo, intensa, do haikai. A forma poética condensada não é delimitadora da produção haicaísta em solo amazonense. É, sim, parte integrante do olhar poético em relação a natureza amazônica, as peculiaridades sociais e a intensa produção literária que existe na região, conforme evidenciam os poetas coligidos nessa dissertação. Outro ponto a ser destacado, é a aproximação do poeta Nikkei com a Amazônia. Mesmo produzido em língua japonesa ou portuguesa, o haikai assume visões bem próximas em relação à imagem captada. Pode-se inferir assim que, ainda que tenha uma aproximação em termos linguísticos, há uma aproximação visual que produz uma mesma escala, eliminando assim as diferenças que existem na escrita ao enfocar as regras tradicionais ou não.

É possível observar a convergência das ideias e interpretações imagéticas entre os haicaístas amazônidas (não descendentes nipônicos) e haicaístas imigrantes japoneses ou descendentes no que se refere a panorama Amazônico.

Destaca-se que a imagem de Uetsuka Hyôkotsu, chegando ao porto de Santos, e ainda a bordo do navio Kasato-maru, construindo o primeiro haikai, tendo como aporte a paisagem brasileira, se entrelaça à tradução de Afrânio Peixoto. Eles abriram as portas da poesia japonesa e tornaram o haikai acessível a qualquer pessoa, independentemente da sua origem, da hierarquia social ou da etnia. Mas é imprescindível que a pessoa esteja em perfeita harmonia e integração com a natureza, que é a fonte de inspiração e onde se encontra os conceitos fundamentais do referido poema.

A produção do haikai chega a ser cultuado definitivamente ao Amazonas em 1985, que também merece atenção sobre a data mencionada, devido ao trabalho não publicado, *Versos dos Verdes Anos*, de Samuel Benchimol, mas o fato é que o reconhecimento se deu no âmbito da literatura amazonense, quando aconteceu o sucesso significativo após o lançamento da obra de Luiz Bacellar e Roberto Evangelista no universo poético amazonense, de *O crisântemo de*

cem pétalas, inclusive trata-se do único livro de haikai, de autores genuinamente do Amazonas, traduzidos para a língua japonesa, em 2018.

Nesse caminho, outro registro importante foi a fundação do Grêmio de Haikai da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental - NIPPAKU, em 1984, cujos membros da época eram os imigrantes japoneses e elaboravam os haicais em japonês, seguindo rigorosamente os preceitos tradicionais do haikai. Porém, com o passar do tempo, é inevitável a perda destes haicaiístas (falecimento pela idade) e, atualmente, a agremiação conta com apenas 10 membros, sendo inclusive um dos membros do Estado de Minas Gerais, que participa da oficina via online.

Vale lembrar que, principalmente em São Paulo e no Paraná, os praticantes de haikai em língua japonesa são descendentes da segunda e terceira geração. No Amazonas, devido a diferença de mais de 20 anos do período inicial de imigração (Amazonas a primeira imigração ocorreu em 1929, enquanto que em São Paulo ocorrera em 1908), somadas a reduzida população de imigrantes e dos seus descendentes. Também se acredita que a presença de haicaiístas, tais como Sato Nenpuku, e principalmente do Masuda Goga, contribuindo decisivamente na integração harmônica dos haicaiístas imigrantes e haicaiístas brasileiros. Contudo, no Amazonas ainda não houve a integração entre haicais produzidos em japonês e português.

REFERÊNCIAS

- BACELLAR, Luiz; EVANGELISTA, Roberto. **O crisântemo de cem pétalas**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1985.
- BACELLAR, Luiz. **Satori**. Manaus: Editora Travessia, 2002.
- BEÇA, Aníbal. **Folhas da Selva**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- BEÇA, Aníbal. **Filhos da Várzea**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- CLEMENT, Rosa. **Reflexões do caminho - Haicais**. Manaus: Editora Valer, 2019.
- EVANGELISTA, Roberto. **Mínimas orações**. Manaus: Editora Valer, 2012. EVANGELISTA, Roberto; CATUNDA, Márcio. **Sementes germinadas**. Fortaleza: Imprece, 2019.
- FÉLIX, João. **Caminho do haikai**. Manaus: Edição do autor, 1986.
- FÉLIX, João. **Urubunaínas: cantigas do Rio Urubu**. Manaus: Edição do autor, 2016.
- FERREIRA, Cacio José. Macacos não de Nikko: haicais contestadores em *Borboletas de fogo*, de Luiz Bacellar. In: LEÃO, Allison; VIEIRA, Mariana. **Suíte crítica: estudos sobre a poesia de Luiz Bacellar**. Rio Branco: Nepan Editora, 2021.
- HIROYUKI, Higashi. In: *Kushû Manaus* N° 31, 2016, NIPPAKU, p. 17).

- HISAKO, Toguchi. **Amazon ni iku**. São Paulo: Editora Topan Press, 2005.
- HISAKO, Toguchi. **Amazon ni iku 2**. São Paulo: Editora Gráfica Paulos, 2010.
- MELLO, Anísio. **Kaleidoscópio: haikai**. Manaus: Editora Valer, 2002.
- PINTO, Zemaria. **Dabacuri**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.
- PINTO, Zemaria. **Corpoenigma**. Manaus: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Amazonas, 1994.
- SATSUMÀ, Kasüo. **Borboletas de fogo**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004. (Pseudônimo de Luiz Bacellar).
- TANE, Hattori. In: *Kushu Manaus* N° 16, 2001, NIPPAKU, p. 51.
- TOSHIKO, Yamaguchi. Haicai disponível em <<https://www.nikkeishimbun.jp/2005/050119-65colonia.html>>. Acesso em 08.05.2022).
- TOSHIO, Shirayanagi. In: *Kushû Manaus* N° 9, 1993, NIPPAKU, p. 32.
- TUFIC, Jorge. **Sinos de papel: haikais**. Fortaleza: Marco Antonio Rosa, 1998.

Recebido em: 11/10/2023

Aprovado em: 11/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_9